

“EU SOU GIORGIA” VENCE AS ELEIÇÕES ITALIANAS

Por Valeria Giannotta*



Giorgia Meloni segura cartaz com os dizeres "Obrigado Itália" na sede de seu partido em Roma, em 26 de setembro de 2022 (Gregorio Borgia/AP).

Giorgia Meloni será a líder do novo governo e a primeira mulher a assumir o cargo de primeira-ministra da história da Itália.

Eu sou Giorgia” tem sido o principal *slogan* dos comícios eleitorais de Giorgia Meloni, líder do partido de direita Irmãos da Itália (*Fratelli d'Italia*) e vencedora indiscutível das últimas eleições italianas arrastando o bloco de centro-direita para o topo do *ranking* da política italiana. Meloni será a líder do novo governo e a primeira mulher no cargo de primeira-ministra da história da Itália.

ELEIÇÕES ANTECIPADAS E A ASCENSÃO DO CENTRO-DIREITA

A convocação de 25 de setembro para eleições antecipadas ocorreu na sequência da crise do governo que deslegitimou o governo tecnocrático de Mario Draghi, e é precisamente a oposição a Draghi que triunfou na Itália.

A coalizão de centro-direita liderada por Meloni obteve acima de 44% dos votos parlamentares, com os Irmãos da Itália recebendo 26%. A Lega caiu para 9% e a Forza Italia para 8%, enquanto a centro-esquerda, recebendo muitas críticas, não atingiu 27%. O Partido Democrata ficou abaixo dos 20% e a Aliança Verde e Esquerda ultrapassou os 3%, número que não foi alcançado pelo mais europeísta Compromisso Cívico de Luigi Di Maio. O Movimento Cinco Estrelas teve um bom desempenho com 15%, enquanto o Ação-Italia Viva ficou abaixo de 8%.

Embora a participação eleitoral tenha sido baixa, com apenas 63,91% dos votantes tendo ido às urnas, abaixo das eleições de 2018 (73,01%), não há dúvida de que a Itália se prepara para escrever uma nova página da sua história.

Giorgia Meloni, que ao longo dos anos atraiu apoio popular crescente, contribuiu para a transformação de seu partido. Com formação em grupos de direita que remetem ao espírito do fascismo, o Irmãos da Itália nasceu como movimento ideológico, transformou-se em organização política com forte base social no centro-sul da Itália e conseguiu se impor como partido nacional. Ganhou muita simpatia no Norte, onde, em vez disso, a Lega enfrenta um grande desafio.

RESPONSABILIDADE NA ITÁLIA E NA EUROPA

Com espírito de “orgulho e redenção em uma situação complexa”, Giorgia Meloni sublinha “a necessidade de unir a Itália”. Silvio Berlusconi faz-lhe eco, entrando em jogo com seu reforçado Forza Italia, que teve um papel decisivo no bloco de centro-direita, tanto em termos percentuais como em assentos.

A inclinação pró-europeia e internacional do partido de Berlusconi provavelmente contribuirá para a formação de um governo de liderança chamado a abordar questões nacionais, bem como reafirmar seu papel na Europa. Berlusconi tem certeza disso e, visando a liderança do Senado, posiciona-se como o “arquiteto do novo governo”.

No que diz respeito às grandes questões internacionais, e especialmente no que se refere à guerra russo-ucraniana, a linha do Forza Italia é fazer da Itália um ator-chave, aliando-se à China, Turquia e Índia, que são países percebidos como comprometidas em acabar com as “hostilidades”, como afirma Maurizio Gasparri¹.

De fato, o conflito russo-ucraniano é de grande importância para a capacidade do próximo governo enfrentar a crise energética, e lidar com o aumento de preços depende da resolução do conflito.

Apesar de seu caráter extremamente nacionalista e soberano, durante a campanha eleitoral Giorgia Meloni suavizou o tom, demonstrando um europeísmo mais convicto. A sensação é de que ela se alinhou com Mario Draghi em muitas frentes, e provavelmente Draghi desempenhará um papel fundamental nos bastidores.

A urgência do novo governo, de fato, é dar garantias e tranquilizar a Europa quanto ao uso de fundos voltados para a recuperação e na postura estratégica da Itália em nível regional e internacional.

No entanto, a Itália deve perseguir os objetivos do Plano de Recuperação e Resiliência. Em junho passado, foi financiada a segunda parcela dos fundos, no valor de 21 bilhões de euros, que devem ser implementados em projetos para reforçar reformas e investimentos na Itália após a crise da covid-19.

¹ Maurizio Gasparri foi ministro das Comunicações da Itália de 2001 a 2005 no governo de Silvio Berlusconi. É senador da República Italiana desde 2008 pelo partido Forza Italia.

Atualmente a linguagem de Meloni transformou-se, mantendo forte patriotismo e nacionalismo na retórica nacional, ao mesmo tempo em que ostenta um certo europeísmo e ocidentalismo com clara ancoragem na América, embora orientada para os republicanos e nomeadamente sobre os valores de Donald Trump quando se trata de questões internacionais.

Em outras palavras, parece que a ideologia está destinada a ceder, visando garantir uma certa continuidade nas questões econômicas e sociais no quadro europeu.

Um ponto crítico, no entanto, poderia ser levantado em relação ao Tratado do Quirinal, que se destina a fortalecer o eixo com a França, especialmente em termos de defesa, que poderia ter um destino diferente.

O sentimento de boas-vindas à vitória de Meloni e sua coalizão é evidente em alguns círculos da Europa. “O povo italiano decidiu retomar seu destino elegendo um governo patriótico e soberano”, escreveu a líder do Rassemblement National, Marine Le Pen, em um *tuite*.

Por outro lado, as críticas à soberania europeia ecoam em Bruxelas. “A Itália é um país muito amigo da Europa, habitado por cidadãos muito amigos da Europa e esperamos que isso não mude”, afirmou Wolfgang Buechner, porta-voz do primeiro-ministro alemão Olaf Scholz.

VENCEDORES, PERDEDORES E DESAFIOS *DE FACTO*

A grande crise vivida pela coalizão de esquerda e especialmente pelo Partido Democrata pode ser atribuída a erros programáticos, políticos e de liderança. No entanto, a quantidade preocupante de votos perdidos deve-se principalmente ao fato de que o Movimento Cinco Estrelas se opôs a entrar na aliança.

Outro fator é a falta de acordo com o chamado “Terceiro Polo” e nomeadamente com o Ação, partido criado para dar continuidade às políticas de Draghi liderado por Carlo Calenda, que lamentou ao afirmar: “A tarefa parar a direita e continuar com Draghi não foi realizada”.

Em um cenário em que os partidos de esquerda estão perdendo terreno, porém, o Movimento Cinco Estrelas, apesar da perda de apoio, obteve um sucesso, pois a expectativa geral era de que o Movimento ficasse abaixo de 10%.

De fato, o grupo de Giuseppe Conte² se defendeu muito bem nas regiões do sul, também graças a ter feito do “Reddito di Cittadinanza” (“Renda Cidadã”, em tradução livre) uma política central de seu programa.

Está claro que a votação dos italianos em 25 de setembro foi pautada pelo sentimento de precariedade e pela crise energética, com o risco relativo de

² Giuseppe Conte foi primeiro-ministro da Itália de junho de 2018 até sua renúncia em fevereiro de 2021.

fechamento de empresas e alta de preços que indicam a urgência de voltar a priorizar os interesses da Itália.

Além disso, a dimensão da abstenção, o sentimento em relação à classe política e o efeito manada desempenharam seus papéis no sucesso de Giorgia Meloni, que agora tem a responsabilidade de enfrentar todos os desafios.

Publicado na [Agência Anadolu](#).

****Valeria Giannotta** é italiana, especialista em política turca e relações internacionais com Ph.D. na Universidade Católica de Milão. Trabalha na Turquia desde 2009, atualmente como diretora científica do Observatório CeSPI Turquia. Autora de vários artigos e conferencista internacional, contribui com think tanks e veículos internacionais de mídia. Por sua objetividade analítica e esforço em apoio à diplomacia italiana na Turquia, em 2017 foi premiada como Cavaliere dell'Ordine della Stella d'Italia pela Presidência da República da Itália. Seu livro "Erdoğan e il suo partito: AKP tra conservatorismo e riformismo" foi listado entre os melhores ensaios políticos de 2018, além de receber um prêmio especial no prêmio italiano Cerruglio 2019.*
